

➤ **Leia o seguinte texto:**

Texto I

Israel, o bem e o mal

Denis Russo Burgierman

Enquanto o país fundado pelas vítimas do Holocausto transformou-se em vilão, a pátria de Hitler virou exemplo de fofura. Afinal, os israelenses são bons ou maus? E os alemães? A resposta não está neles: está no ambiente.

Se um viajante do tempo saísse de 1950 e viesse bater em 2014, e calhasse de lhe cair em mãos a pesquisa da BBC que mede a popularidade dos países, talvez achasse que os dados estavam de cabeça para baixo. Segundo a pesquisa, realizada com 25 mil pessoas de 24 países, a nação mais popular que existe, vista por 60% das pessoas como “uma influência positiva” para o planeta, é a Alemanha. Já os países mais malvistas, considerados por mais da metade dos terráqueos como uma “influência negativa”, são Irã, Paquistão, Coreia do Norte e... Israel.

O viajante do tempo não entenderia nada. Os alemães, portadores da mesma carga genética da nação que elegeram e apoiaram Hitler no mais horripilante projeto de genocídio industrial da história, transformaram-se nos fofos do mundo (e olha que a pesquisa foi realizada antes da Copa de 2014). E Israel, fundado em 1948, em nome da liberdade, da justiça e da paz, pelas próprias vítimas do nazismo, com amplo apoio dos progressistas, disputa, hoje, a lanterna da vilania global apenas com ditaduras fundamentalistas (e olha que a pesquisa foi realizada antes que bombardeios israelenses matassem crianças palestinas brincando em Gaza).

Se as pessoas que vivem em Israel e na Alemanha possuem os mesmos genes e as mesmas tradições de seus avós, que passaram pela guerra encarnando, respectivamente, “o bem” e “o mal”, o que mudou em meros 70 anos? Nosso viajante, se quisesse descobrir a resposta, poderia ajustar sua máquina do tempo para as 10 horas do dia 14 de agosto de 1971.

Naquela manhã de sol, a tranquilidade da rica cidadezinha californiana de Palo Alto foi subitamente quebrada por uma visão rara: policiais algemando um estudante branco e conduzindo-o firmemente ao banco de trás da viatura, sob o olhar assustado dos vizinhos. Aquele seria o primeiro de nove jovens levados presos.

Nenhum dos nove tinha cometido crime algum – eram estudantes saudáveis e comuns que tinham se voluntariado para uma pena de duas semanas numa prisão simulada, montada num porão da Universidade Stanford, em troca de US\$ 15 por dia. Os guardas dessa prisão seriam 15 rapazes tão saudáveis e comuns quanto os prisioneiros, contratados pelo mesmo salário. O autor da pesquisa, o psicólogo Philip Zimbardo, definiu por sorteio quem seria guarda e quem seria prisioneiro. A partir daí, os prisioneiros seriam tratados apenas por números, e foram obrigados a referir-se aos guardas como “senhor oficial correccional”. Nada de nomes.

Apenas seis dias depois, o *Stanford Prison Experiment* teve que ser encerrado prematuramente, após vários prisioneiros sofrerem colapsos nervosos. A convivência entre os dois grupos de rapazes comuns tinha degradingolado para a hostilidade aberta. Os guardas abusaram de torturas, humilhações e atos de crueldade gratuita. Já os prisioneiros sentiam-se impotentes, deprimidos e se tornaram dissimulados e amargos.

Ao fim do experimento, havia desaparecido qualquer sinal de empatia entre um lado e outro. Um guarda resumiu como uns viam os outros: “esqueci que os prisioneiros eram gente”. Esse fenômeno é conhecido pelos psicólogos como “desumanização”. Segundo Zimbardo, a desumanização desliga nosso senso moral. Em seu livro *O Efeito Lúcifer*, ele explica que, quando isso acontece, pessoas comuns tornam-se capazes de cometer atrocidades.

Para que a desumanização ocorra, é importante apagar a individualidade de quem está do outro lado. É o que revelou um outro experimento clássico, realizado em 1963 por Stanley Milgram, na Universidade Yale. Nesse estudo, os sujeitos de pesquisa tinham a tarefa de administrar choques elétricos em voluntários vistos através de um vidro (os voluntários na verdade eram atores fingindo estrebuchar). Em alguns dos testes, uma pessoa na sala comentava de passagem que os sujeitos tomando choques eram “legais”. Em outros, o comentário era: “eles parecem animais”. Embora os atores fingindo levar choque fossem sempre os mesmos, os sujeitos da pesquisa estavam muito mais dispostos a eletrocutar o outro quando ele era descrito como “animal”.

É que o primeiro passo para a desumanização é rotular o sujeito do outro lado. A partir do momento em que acreditamos que o outro não é um ser humano, mas um animal, tornamo-nos capazes de basicamente tudo. Um ambiente onde há uma grande desigualdade de poder – como uma prisão – é o lugar perfeito para que ocorra rotulagem e, portanto, desumanização. É exatamente o que existe hoje no Oriente Médio, onde, na prática, todo um povo (os palestinos) virou prisioneiro de um país (Israel).

O que as pesquisas mostram é que, nessas situações, não adianta procurar culpados. Não interessa saber quem começou a briga ou quem tem mais razão – o que interessa é o ambiente. Enquanto os dois povos se relacionarem como se estivessem numa prisão, é inevitável que um não enxergue a humanidade do outro. Os mais poderosos tendem a perder a compaixão pelo outro lado, e acabam achando normal ser brutal. Os menos poderosos tendem a acreditar que seus rivais são todos maus e precisam ser destruídos. A única solução para uma situação assim é mudar o ambiente. Foi o que a Alemanha fez nas últimas três décadas, quando uma sociedade tolerante, igualitária e largamente desmilitarizada foi instituída.

Nós humanos fomos geneticamente programados para acreditar que há pessoas boas e más, e que um abismo separa umas das outras. A realidade é que o mal mora em cada um de nós. O primeiro passo para liberá-lo é acreditar que os inimigos são animais — ou algum outro rótulo, como “reacionários”, “comunistas”, “petralhas”, “tucanalhas”, “macacos”, “argentinos”, “feminazis”, “falocratas”, “talibikers”, “burgueses”, “evangélicos”, “judeus”, “terroristas”.

Isso dito, nosso viajante do tempo, depois de ter presenciado a carnificina da Segunda Guerra Mundial, talvez se assustasse ao ver o tom desumanizador dos comentários no Facebook de 2014.

Questão 1 – Com base nas informações do Texto I como um todo, formule um conceito de desumanização.

Desumanização é um processo motivado pela desigualdade de poder, em que o lado que se julga superior perde o senso moral, desqualificando e desconsiderando as individualidades do outro lado que, rotulado como inferior, sofre as mais diversas formas de violência.

Questão 2 – O Texto I faz referência a um experimento conhecido como “*Stanford Prison Experiment*” (Experimento Prisional de Stanford). Faça um resumo desse experimento, apontando os resultados da pesquisa.

O experimento consistiu em uma prisão simulada com a participação de 24 jovens estudantes que se voluntariaram para cumprir uma pena de duas semanas na situação de guardas ou de prisioneiros. Apenas seis dias depois o experimento precisou ser encerrado porque a convivência entre os grupos se tornou extremamente hostil, constatando-se um processo de desumanização.

Questão 3 – Na frase, extraída do Texto I:

Já os países mais malvistos, considerados por mais da metade dos terráqueos como uma “influência negativa”, são Irã, Paquistão, Coreia do Norte e... Israel.

a) O autor empregou as reticências para causar que efeito argumentativo?

O uso das reticências cria o efeito argumentativo de quebra de expectativa, enfatizando que Israel, um país que historicamente foi visto como vítima, hoje, tem uma imagem negativa.
Valor: 2,5

b) Reescreva a frase, mantendo o mesmo efeito argumentativo, porém sem empregar as reticências.

Já os países mais malvistos, considerados por mais da metade dos terráqueos como uma “influência negativa”, são Irã, Paquistão, Coreia do Norte e, surpreendentemente/por incrível que pareça/acredite, Israel. Valor: 2,5

Questão 4 – Releia a última frase do Texto I:

“Isso dito, nosso viajante do tempo, depois de ter presenciado a carnificina da Segunda Guerra Mundial, talvez se assustasse ao ver o tom desumanizador dos comentários no Facebook de 2014.”

Qual é a ligação feita pelo autor entre a Segunda Guerra Mundial e os comentários do Facebook?

A ligação feita pelo autor entre a Segunda Guerra Mundial e os comentários no Facebook se dá pelo caráter desumanizador presente em ambos os contextos. Assim, estabelece-se uma comparação entre guerra e debate ideológico, com o propósito de criticar as ações discriminatórias e ofensivas cometidas em momentos historicamente distintos.

Texto II
O Bicho
Manuel Bandeira

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Coordenação: André Seffrin. 10ª ed. São Paulo: Global, 2014. p. 122.

Questão 5 – Que conexão se pode fazer entre o conceito de desumanização, exposto no Texto I, e o poema de Manuel Bandeira (Texto II)? Justifique sua resposta com base em elementos do poema.

Espera-se que o candidato faça a associação entre o conceito de desumanização, explorado no texto I, e o exemplo de desumanização contido no texto II. Um exemplo de resposta adequada pode ser o que se segue:

“A conexão feita é clara. O ser humano é visto como um animal, por estar em uma situação precária. O trecho ‘Não examinava nem cheirava: engolia com voracidade’ comprova a situação desumana na qual esse indivíduo se encontra, disputando restos de alimentos como se fosse um bicho.

As inadequações quanto ao emprego da norma padrão foram penalizadas da seguinte maneira:

- até 0,5 para problemas de ortografia e adequação vocabular;
- até 1,0 para problemas de morfossintaxe e semântica.